
Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique o número das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação apresentada ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - NÃO SEJA RESPONDIDA NA RESPECTIVA FOLHA DE RESPOSTAS;
 - ESTEJA ASSINADA FORA DO LOCAL APROPRIADO;
 - POSSIBILITE A IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO.

Questão 01 (Valor: 15 pontos)

No Brasil, o conformismo é apontado por alguns estudiosos como sendo uma consequência da própria colonização do país. O jurista Attila de Souza Leão Andrade Junior, autor do livro *Brasil 2030: as previsões*, recém-lançado pela editora Os Melhores Livros, explica que a inércia social do país é fruto de um conjunto de fatores formado por três pilares principais, chamado por ele de “o tripé do atraso”. Seriam as bases deste tripé: a economia extrativista que fundou o país, o regime escravocrata — dentro do qual o Brasil foi povoado — e o culto à pobreza pregado pela Igreja Católica, vigente até hoje em todo o território nacional.

De acordo com o especialista, a filosofia econômica extrativista trazida ao país pela colonização ibérica deixou no inconsciente coletivo da população a sensação de que o desenvolvimento é sinônimo de extrair e comercializar. “O que explica, por exemplo, a pouca mobilização do brasileiro para evitar a exploração dos nossos bens por empresas estrangeiras”, ele diz. “Já a escravidão fez com que houvesse a ausência de uma classe operária madura, autônoma e organizada, capaz de propor um programa político que faça frente ao da classe dominante. Acabamos, assim, tolerando a desigualdade social. Basta observar a relação empregada doméstica e patrão que, na maioria dos casos, permanece como semi-escravidão: por salários ínfimos, muitas ainda se submetem a condições insalubres sem qualquer acesso aos direitos trabalhistas”.

A Igreja Católica, por sua vez, além de ter apoiado o extrativismo e a escravidão,

ênfatizou o culto à pobreza como única maneira de salvação da humanidade. Por meio de parábolas, como a que diz que é mais difícil um rico entrar no reino dos céus do que um camelo passar pelo buraco na agulha, o catolicismo condena a ambição e o acúmulo de riquezas. [...]

TAVARES, Juliana. Passividade nacional. **Sociologia**: Ciência & Vida, São Paulo: Escala, ano 1, n. 3, 2002. p. 30-31.

Juliana Tavares aborda o problema da passividade do brasileiro. Escreva um resumo do texto, procurando contemplar suas idéias principais.

Questão 02 (Valor: 20 pontos)

Viver na taba de um índio, programado pra só dizer sim [...] é apenas um trecho de música para alguns remanescentes indígenas. Alguns não. Milhares. Nos centros urbanos, ou próximos deles, vivem como qualquer cidadão ou ainda, com sorte, mantendo seus trajes, rotina e moradias originais; todos, porém, contam com o benefício da Internet. É na grande rede que acontece, agora, a propagação da cultura desses povos, a comunicação entre eles e entre os índios e o mundo. Adeus sinais de fumaça! Bem-vinda a fibra ótica.

GOYANO, Jussara. Adeus à fumaça. **Sociologia**: Ciência & Vida, São Paulo: Escala, ano 1, n. 3, 2007. p. 5.

Comente o texto acima reproduzido e manifeste seu ponto de vista sobre a presença da Internet nas comunidades indígenas.

Questão 03 (Valor: 10 pontos)

**É por isso
que o povo diz
que Vivo pega,
que Vivo é sinal
de qualidade.**



VIVO: propaganda. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2000, ano 40, n. 11, 21 mar. 2007. Fragmento do encarte especial destacável.

O texto publicitário faz uso da polissemia dos signos — ou seja, da multiplicidade de significados de uma palavra — como recurso de construção de sentidos.

Identifique em que palavras se percebe o uso desse recurso na propaganda apresentada e explique como isso ocorre.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

Deixei o gravador reproduzir suas tão recentes palavras que até pareciam eco. Ele se ouviu, maravilhado, acenando a cabeça em constante anuência. No fim, reforçou ordem com ordem:

— *E não quero esse italiano a escutar as palavras. Ouviu? Ainda não confio cento por cento nesse fidamãe.*

— *Mas pai, esse italiano nos está ajudar.*

— *A ajudar?*

— *Ele e os outros. Nos ajudam a construir a paz.*

— *Nisso se engana. Não é a paz que lhe interessa. Eles se preocupam é com a ordem, o regime desse mundo.*

— *Ora, pai...*

— *O problema deles é manter a ordem que lhes faz serem patrões. Essa ordem é uma doença em nossa história.*

Dessa doença, segundo ele, se refazia em nós essa divisão de existências: uns moleques dos patrões e outros moleques dos moleques. A aposta dos poderosos — os de fora e os de dentro — era uma só: provar que só colonizados podíamos ser governados.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 188.

O fragmento transcrito é representativo da linha temática de “O último voo do flamingo”, em que o narrador-tradutor personagem discute com o pai — Sulpício — “as coisas da terra”.

Baseando-se no contexto da obra, comente o ponto de vista de cada uma das duas personagens, explicitando as diferenças que as separam no que tange à política.

Questão 05 (Valor: 20 pontos)

I.

O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela transportarmos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que freqüentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causas o egoísmo e a rotina vulgar.

RENAN, Marc-Aurèle. In: LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 17. Epígrafe.

II.

Dona Quinota retirou-se. Este Genelício era o seu namorado. Parente ainda de Caldas, tinha-se como certo o seu casamento na família. A sua candidatura era favorecida por todos. Dona Maricota e o marido enchiam-no de festas. Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter um grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes e os superiores de todo incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, dava pareceres e opiniões, criticava este ou aquele colega, e deixava-o no bonde, se o homem ia para casa. Quando entrava um ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começava sempre por — “Salve” — e acabava também por — “Salve! Três vezes Salve!”.

O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do ministro e punha a data.

LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 49.

III.

Esta vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol para sol...

O melhor é não agir, Adelaide; e desde que o meu dever me livre destes encargos, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para que no fundo de mim mesmo ou do mistério das coisas não provoque a minha ação o aparecimento de energias estranhas à minha vontade, que mais me façam sofrer e tirem o doce sabor de viver...

Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo que nele pus de pensamento não foi atingido, e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...

Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade. (Fragmento de uma carta do Major Quaresma à sua irmã.)

LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 167.

Com base no pensamento de Renan (I), tomado como epígrafe do romance de Lima Barreto, faça uma análise sucinta do caráter das personagens Genelício (II), e Major Quaresma (III) como possibilidades humanas referidas no texto da citada epígrafe.

Questão 06 (Valor: 20 pontos)

I.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1999. p. 48. Edição especial.

II.

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA, filme inspirado nos diários de Ernesto Che Guevara e de Alberto Granado, durante sua primeira viagem pela América Latina.

Deserto de Atacama, Chile, 11 de março de 1952

Um homem e uma mulher (indicando algum lugar em um mapa que Che e Alberto mostravam) — É isto mesmo. Somos de lá! Não tínhamos muita coisa. Era uma terra árida.

Mulher — Pertencia ao avô dele.

Homem — Era nossa, até que um latifundiário nos expulsou.

Mulher — E eles chamam isso de progresso.

Homem — Deixamos nosso filho com a família para procurar trabalho. Fugindo da polícia, que queria nos prender.

Alberto — Por quê?

Mulher — Porque somos comunistas.

Homem — Agora vamos para a mina. Se tivermos sorte, acharei trabalho. Parece que é tão perigoso que eles nem se importam com o seu partido.

Mulher (para Che e Alberto) — Vocês estão procurando trabalho?

Che — Não, nós dois não estamos procurando trabalho.

Mulher — Não? Então, por que viajam?

Che — Viajamos por viajar.

Mulher — Que Deus os abençoe. Que Deus abençoe a sua viagem.

[...]

Narrador (Che) (referindo-se ao homem e à mulher) — Aqueles olhos tinham uma expressão sombria e trágica. Falaram do companheiro desaparecido em circunstâncias misteriosas e que aparentemente havia terminado no fundo do mar. Foi uma das noites mais frias da minha vida. Mas conhecê-los me fez mais perto da espécie humana, que parecia tão estranha para mim.

(Aparece o cenário de uma pedreira, é a mina de Chuquicamata, Chile, numa visão panorâmica, com muitos homens sentados nas pedras, entre os quais estão Che e Alberto, esperando ser selecionados pelo contratador para trabalhar)

Contratador (apontando para cada um) — Você. Você também... Você aí do lado também. Você... Você... Você... Você não, o do lado! Rápido, rápido. Vamos, homens! Venha rapaz, anda! Subam no caminhão. Rápido, rápido! O resto de vocês, para casa. Saiam daqui. Depressa, vamos indo. Vamos, subam. O caminhão está pronto? Entre no outro caminhão. Tudo pronto. Vamos indo. (Dirigindo-se a Che e Alberto) E vocês dois? O que estão fazendo aqui?

Che — Nada. Estamos só olhando.

Contratador — Olhando o quê, palhaço? Isto não é atração turística. Fora!

Che — O senhor não vê que estão com sede? Por que não dá um pouco de água para eles?

Contratador — Comporte-se ou chamarei a segurança e mandarei prendê-lo.

Che — Por que motivo?

Contratador — Invasão de propriedade privada. Esta terra pertence à Anaconda Mining Company. Vamos andando!

Voz de Che (narrando) — Ao sairmos da mina, sentimos que a realidade começava a mudar. Ou éramos nós? À medida que subíamos as cordilheiras, encontrávamos mais indígenas, que não tinham ao menos um teto onde fora sua própria terra.

DIÁRIOS de motocicleta. Direção de Walter Salles. São Paulo, 2004. 1 DVD.

O romance "O Cortiço" e o filme "Diários de Motocicleta" podem ser considerados de denúncia social.

Justifique essa afirmativa, apoiando a sua resposta no fragmento que focaliza a pedreira de João Romão (I) e na cena do filme em que Che e Alberto encontram-se com os nativos, em Atacama, no Chile (II), ambos transcritos acima.